

A CARNE NÃO É FRACA...

*** Roberto Rodrigues**

Um dos dados demográficos mais repetidos é o de que em 2050 teremos uma população planetária superior a 9 bilhões de pessoas e isso, de acordo com a FAO, exigirá o aumento da produção agropecuária em 70%, para fornecer alimentos, fibras e energia. Também é bastante comentado o fato de que está chegando o momento em que as populações urbanas, pela primeira vez na história do mundo, passam a ser mais numerosas que as rurais, isto é, cada vez menos gente deverá produzir para cada vez mais gente. E outra questão demográfica é a mudança da pirâmide etária: com o aumento da expectativa de vida e o controle da natalidade efetuado voluntariamente pelas famílias, teremos crescentemente mais idosos e menos crianças.

Todos estes temas interferem profundamente com a atividade agropecuária global, estabelecendo o grande debate sobre como produzir mais e com sustentabilidade sem destruir recursos naturais.

Claro que a resposta está na tecnologia, e os aumentos de produtividade garantirão o abastecimento, sem danos.

Mas há um ponto muito interessante em toda esta discussão, relativo às mudanças de hábitos alimentares: o aumento da população mais idosa e do poder aquisitivo dos países em desenvolvimento indica uma maior demanda por proteínas, frutas e legumes em detrimento de carboidratos.

É óbvio que quem quiser vender os seus produtos deve produzir o que os consumidores quiserem. Portanto, precisamos produzir carnes. Temos capacidade para isso?

Sim, enorme, e os números são expressivos, desde 1990 nossa produção cresceu bastante: 8,6% a.a para frangos, 5,9% a.a para suínos, 3,2% a.a. para bovinos.

Somos competitivos em todas as carnes. E, na bovina, levamos uma vantagem enorme sobre os países do hemisfério norte: nosso boi é criado a pasto o ano todo, porque não temos o inverno gelado de lá, que obriga estabular o gado por meses.

Previsões do Ministério da Agricultura indicam que em 2010, exportaremos 6 milhões de toneladas de carne frango, 3 milhões de carne bovina e 830 mil toneladas de carne suína.

Se estas previsões se confirmarem, o Brasil ainda será o maior exportador mundial de carne bovina, com 42,7% de todo o comércio, de carne de frango, com 70%, e deverá estar no 3º lugar em carne suína, com 16%.

Mas há uma sombra no horizonte deste setor importantíssimo de nossa atividade rural. Pesa sobre ele a notícia de que a pecuária de corte emite muito metano, através das eructações. No caso brasileiro, cerca de 35% das emissões de metano viriam da pecuária bovina. E o metano é bem mais danoso que o CO₂, para efeito de aquecimento global. No entanto, para facilitar as contas, os especialistas convertem todos os gases de Efeito Estufa em CO₂ equivalente.

Estudos recentes indicam que no Brasil, onde temos pouco mais de uma cabeça por hectare, os bovinos emitem 60,5 kg de metano e 54 kg de CO₂ por

hectare/ano, ou 1,3 toneladas em equivalente CO₂/hectare/ano. Por outro lado, há estimativas de que um hectare de pastagem seqüestra 3,4 toneladas em equivalente CO₂/hectare/ano. Portanto, é possível concluir que, no fim das contas, comparando as emissões de CO₂ pelos bovinos e o que é retido pelas pastagens, o saldo é positivo.

Há ainda muito que estudar e muito a fazer para melhorar este saldo, mas a bovinocultura já é um setor capaz de avançar sustentavelmente.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**